

Letras
Especial
2020 nº 2

*Teatro Elisabetano e Jacobino:
estudos textuais, teatrais e críticos*

Letras / Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e
Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. - Nº 1, jan./ jun.
(1991) - _____. Santa Maria, 1991 - _____.

Edição Especial

nº 02 (2020)

ISSN 2176-1485

1. Literatura. 2. Literatura – Periódicos. 3. Linguística.

I. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. II. Centro de Artes
e Letras – CAL. III. Programa de Pós-graduação em Letras.

Ficha catalográfica elaborada por Fernando Leipnitz CRB-10/1958
Biblioteca Central/UFSM

Teatro Elisabetano e Jacobino: estudos textuais, teatrais e críticos

Lawrence Flores Pereira (UFSM)
Régis Augustus Bars Closel (UFSM)
John Milton (USP)
Lavinia Silveiras (UNIFESP)
Organizadores

ESPECIAL 2020 / Nº 2
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria - Rio Grande do Sul

ISSN 2176-1485

Reitor

Paulo Afonso Burmann

Diretor do Centro de Artes e Letras

Claudio Antonio Esteves

Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Letras

Eliana Sturza e Gil Roberto Costa Negreiros

Comissão Editorial

Gil Roberto Costa Negreiros (Editor-Chefe)

Anselmo Peres Alós (Editor-Gerente)

Francieli Matzembacher Pinton (Revisão)

Conselho Editorial

Amanda Eloina Scherer (UFSM)

Ana María Díaz Ferrero (Universidad de Granada, Espanha)

Anna Christina Bentes (Unicamp)

Beatriz M. Eckert-Hoff (UNIVÁS)

Brian Street (King's College London, England)

Carmen Rosa Caldas-Coulthard (University of Birmingham, England)

Charles Bazerman (University of California, USA)

Christian M.I.M. Matthiessen (Hong Kong Polytechnic University, Hong Kong)

Claudete Moreno Ghiraldelo (ITA)

Cristiane Pereira Dias (Unisal)

Désirée Motta Roth (UFSM)

Diana Luz Pessoa de Barros (USP)

Eurídice Figueiredo (UFF)

Freda Indursky (UFRGS)

Gesualda Rasia (UFPR)

Glaís Sales Cordeiro (Université de Genève)

Joaquín Listerrri (Universidad de la Cataluña, Espanha)

José Antonio Sabio Pinilla (Universidad de Granada, Espanha)

José Luís Jobim de Salles Fonseca (UERJ)

José Sueli e Magalhães (UFU)

Kazue Saito Monteiro de Barros (UFPE)

Lúcia Helena Martins Gouvêa (UFRJ)

Luiz Carlos Travaglia (UFU)

Luiz Francisco Dias (UFMG)

Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ)

Malcolm Coulthard (University of Birmingham, England)

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (USP)

Marcia Azevedo de Abreu (Unicamp)

Maria Cleci Venturini (Unicentro)

Maria da Glória C. Di Fanti (PUCRS)

Maria José R. Faria Coracini (Unicamp)

Max Hidalgo Náchter (Universidad de Barcelona, Espanha)

Moises Perales Escudero (Universidad de Quintana Roo, México)

Paulo Osório (UBI)

Rafael Alarcón (Universidad de Jaén, Espanha)

Raquel Salek Fiad (Unicamp)

Regina Zilberman (UFRGS)

Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)

Roberto Acízelo de Souza (UERJ)

Sheila Elias de Oliveira (Unicamp)

Ursula Wingate (King's College, London, England)

Valdir Prigol (UFFS)

Valéria Neto de Oliveira Monaretto (UFRGS)

Preparação e Revisão de Texto

Gabriela Eckert Pereira

Jeniffer Sretb da Silva

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Evandro Bertol

Periodicidade: Semestral

Editora

PROGRAMA DE

PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Universidade Federal de Santa Maria

Centro de Educação, Letras e Biologia

Prédio 16, Sala 3222 – Bloco A2.

Campus Universitário – Camobi.

97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil

Fone: 55 3220 8359

Fone/fax: 55 3220 8025

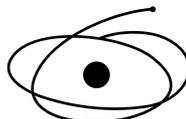
e-mail: periodicoletras.ufsm@gmail.com

www.ufsm.br/periodicoletras

Política Editorial

Letras, Periódico Científico, compila artigos resultantes de pesquisa científica original de caráter significativo para as áreas dos Estudos Linguísticos e Literários. Essa publicação tem periodicidade semestral desde 1991 e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Cada publicação fica sob a responsabilidade de pelo menos um pesquisador vinculado ao PPGL que assume a função de organizador. Os artigos enviados devem atender à chamada temática e são avaliados, anonimamente, por dois membros do conselho editorial e assessorados, se necessário, por parecerista *ad hoc* (sobretudo em caso de empate).

Letras publica artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que podem ser escritos em português, francês, espanhol ou inglês. Para artigos escritos em português, Título, Resumo e Palavras-chave devem aparecer em português e inglês. Para artigos escritos em outras línguas, Título, Resumo e Palavras-chave devem ser escritos na língua do artigo e em inglês, exceto aqueles em que o texto está em inglês. Os originais apresentados não devem ter sido publicados ou submetidos simultaneamente a outro periódico. Ficam concedidos à Revista todos os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados.



C A P E S

Esta publicação conta com o apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Esta publicação conta com o apoio do Edital Pró-Revistas da PRPGP-UFSM.

Sumário

Apresentação.....7

Lawrence F. Pereira • Régis Augustus Bars Closel • John Milton • Lavinia Silveiras

Antes do início; depois do final: onde as peças de teatro iniciavam e terminavam?.....13

Tiffany Stern

<https://doi.org/10.5902/2176148564648>

Um Veríssimo shakespeariano numa Noite de Reis.....39

Elizabeth Ramos

<https://doi.org/10.5902/2176148564669>

“O resto é silêncio”:

***Hamlet*, os cortes e a contemporaneidade.....55**

Michael Dobson

<https://doi.org/10.5902/2176148564671>

Ofélia, a invisível.....71

Lawrence Flores Pereira • Kathrin Rosenfield

<https://doi.org/10.5902/217614856344>

A ambiguidade como princípio retórico em Shakespeare - *Muito*

***Barulho por Nada* (c. 1598) e *Otelo*: estudos de caso (c. 1604).....93**

Ricardo Cardoso

<https://doi.org/10.5902/217614856900>

Imitação ou colaboração?

Marlowe e o cânone shakespeariano inicial....109

Gary Taylor • John V. Nance

<https://doi.org/10.5902/2176148564672>

Desafios e Procedimentos de Tradução/Transposição Cultural:

***Tróilo e Créssida* e *Os Dois Primos Nobres*....141**

José Roberto O'Shea

<https://doi.org/10.5902/2176148561321>

Uma década de transmissões de apresentações teatrais:

questões e tendências....159

Pascale Aebischer

<https://doi.org/10.5902/217614856341>

De quem é esta tragédia? Traduzindo *Arden of Faversham*....179

Régis Augustus Bars Closel

<https://doi.org/10.5902/217614856338>

Apresentação

Os textos reunidos neste dossiê, acolhido pela Revista Letras, possuem uma história em comum com a *Jornada de Estudos Shakespeareanos* através de seus participantes, palestrantes e organizadores. Tiffany Stern e Michael Dobson estiveram no Brasil e participaram da Jornada que ocorreu na USP em novembro de 2016, organizada por John Milton, Régis Augustus Bars Closel e Lavinia Silveira.¹ Gary Taylor era um dos convidados desse mesmo evento que acabara por coincidir com o lançamento da *New Oxford Shakespeare*, inviabilizando, na ocasião, sua viagem ao Brasil. O evento também incluiu as novas vozes para Shakespeare em novos contextos, perspectivas, tempos e línguas, como é o caso da contribuição de Elizabeth Ramos e de Anna Stegh Camati, Aline Castaman e Ana Karina Borges Braun, que assinam traduções de textos dos palestrantes convidados. Este evento também foi agraciado com as novas traduções que estavam aparecendo, como as de Lawrence Flores Pereira (*Hamlet*) e de José Roberto O’Shea (*Dois Primos Nobres*).

No atual dossiê o conjunto de contribuições reunidas revela a amplitude dos estudos da Primeira Modernidade e em particular do teatro elisabetano e jacobino. Nele estão incluídos estudos de reconstituição textual e cênica, bem como o que poderíamos chamar da “posteridade” do período, suas reinterpretações ao longo da história por meio de adaptações, traduções e de interpretações críticas. De fato, se observamos o estado dos estudos que envolvem o período e em particular o teatro de Shakespeare, observamos, de um lado, esforços para reconstruir historicamente e arqueologicamente seus textos, suas práticas cênicas, sua ideologia própria, suas relações com o *zeitgeist* do período – por outro lado também observamos que o trabalho da crítica, da reinterpretação não se esgotaram.

Com relação à reconstituição textual, o dossiê traz dois exemplos notáveis de como estes estudos caminham abrindo novas perspectivas de compreensão sobre a materialidade da composição (colaborativa ou não) e da reconstituição dos sinais que as imagens e passagens espar-

1 O evento foi contemplado com o apoio das agências de fomento, CNPq e FAPESP. Em 2016, Rui Carvalho Homem (Universidade do Porto) também participou como convidado. A Jornada, na ocasião, também incluiu atividades envolvendo a UFSC e a UNIFESP. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) sediou a Jornada em 2019, sendo precedida pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 2018.

sas dos textos teatrais nos sugerem. De fato, o estudo da composição de textos dramáticos na primeira modernidade consolida-se como um dos principais assuntos da crítica shakespeariana nesse início de século. Desafiadora é a pesquisa de Gary Taylor e John Nance, de quem apresentamos aqui uma de suas descobertas, em tradução de Régis Augustus Bars Closel. Demarcam com precisão como é possível detectar estilisticamente problemas de autoria, mas mais particularmente quando a atividade de imitação de um dramaturgo pelo outro, no interior de uma peça ou de uma obra, revela a autoria, feita quer por uma mão ou por duas. Enquanto no caso da imitação temos um ato voluntário e pontual de um autor que imita um segundo autor – e várias vezes, de fato, vemos Shakespeare imitando Marlowe –, e quando de fato temos a involuntária e dispersa interferência ou colaboração de um segundo autor. Para os que tomam contato, no Brasil, pela primeira vez, com o problema da autoria e sua atribuição, este é um texto que explica como são feitos os testes e medição de estilo, no caso analisando um trecho suspeito de *Henrique VI Parte I* e testando a possibilidade de atribuição de passagens específicas para Christopher Marlowe, George Peele ou William Shakespeare.

No entanto, esses estudos não trazem resultados sobre a autoria apenas, mas também são úteis para a complexificação da atenção (*awareness*) do tradutor dessas obras. Gary Taylor protagonizou a publicação, em “*King Lear: The Date and Authorship of the Folio Version*”, de *Division of the Kingdoms: Shakespeare’s Two Versions of King Lear* (1983) que, de modo geral, com contribuições diversas, postulava uma nova teoria para os textos de *King Lear*, dessa que é uma das mais celebradas peças teatrais de Shakespeare. Os resultados da postulação desse livro – ainda discutidos hoje – e que se centraram no estudos dos dois principais textos de *King Lear*, são de que, no caso dessa peça, o que temos são duas peças independentes e que tais peças devem necessariamente ser publicadas separadamente e que o Folio era uma revisão feita pelo próprio Shakespeare são instigantes. Qualquer que seja o destino dessas análises na história editorial futura das peças de Shakespeare, um de seus efeitos importantes, imprevistos pelos autores da *Division of the Kingdom*, é a *awareness* textual que proporcionaram para o tradutor de Shakespeare. É nessa atenção – *awareness* –, acrescida à variabilidade, com os aspectos colaborativos ocasionais desses textos, que se situa a contribuição de Régis Augustus Bars Closel para o atual volume. Ele reflete sobre seu processo tradutório de *Arden de Faversham* (1589) para o português, discutindo questões de ordem textual e editorial para a tradução,

levando em conta as variações na impressão do texto ao longo da história de suas publicações. O enredo dessa tragédia doméstica é problematizado por conta das diversas combinações existentes. Inevitavelmente, a tradução é parte da história do texto de uma obra e, como um prisma, ela pode levantar questões que se mesclam ao desenvolvimento da ação.

Trata-se de dois objetivos distintos mas que, de algum modo, utilizam meios de pesquisa semelhantes que realçam as diferenças textuais, ao invés de apagar seus desníveis como se faz em traduções domesticadoras que aplainam a complexidade textual dos textos para torná-los mais palatáveis ou até mesmo mais poéticos do que realmente eram. Essa discussão é fundamental para a tradução, porque alerta o tradutor sobre a instabilidade textual de Shakespeare e de muitos de seus contemporâneos. Um texto embelezado, com formato perfeito, adaptativo demais na tradução pode conquistar o público, mas de modo algum o leitor familiarizado com a instabilidade textual desses textos.

Essa mesma atenção pode ser dirigida ao estudo das materialidades e sobretudo do conjunto do espetáculo do teatro elisabetano e jacobino, mostrando que tais questões não estão divorciadas do problema textual. Os textos de peças que nos acostumamos a ler não trazem o conjunto inteiro das informações que nos permitiriam imaginar a complexidade do espetáculo teatral do período. Tendemos a ver as peças apenas como dramas, somos ajudados pelas rubricas, pelas direções de saída e entrada, mas há detalhes que nos escapam. Tiffany Stern chama nossa atenção para esses detalhes, proporcionando subsídios para que as edições contemporâneas incluam também elementos extradramáticos que tradicionalmente não faziam parte habitual das edições contemporâneas, em tradução assinada por Lawrence Flores Pereira e Aline Castaman. No conjunto daquilo que chamamos de espetáculo não raro passa despercebido, ou seja, como o próprio título do estudo de Stern sugere, aquilo que artisticamente e simbolicamente ocorre antes e depois das peças da Primeira Modernidade. É por esse caminho que Tiffany Stern ensaia uma reconstrução, por assim dizer, arqueológica da função do trompetista nestas peças. Um universo inteiro de funções possivelmente codificadas vem à luz e mais particularmente a do trompetista e do concerto sonoro que pontua as peças da Primeira Modernidade. Há nesse mesmo ensaio uma indagação sobre as diferenças do que é o início e o fim de uma peça ou da performance em si: onde se encontra o fim, nos diálogos dos atores ou ainda no cerimonioso desfecho do epílogo que sintetiza a peça? É particularmen-

te aguda a inclusão desses elementos extradramáticos, e a autora chama nossa atenção ao fato de que todas as peças deveriam também terminar com uma oração ao monarca cuja função poderia ser a de reestabelecer, depois do mergulho ficcional, a ideia de ordem realmente vigente.

O campo de estudo da tradução de peças teatrais da Primeira Modernidade apresenta problemas que muitas vezes escapam à percepção dos leitores não especializados e mesmo os especializados. E trata-se aqui de uma especialidade que está atenta às novas descobertas sobre o texto dessas peças: suas nuances, suas variações, suas várias edições. José Roberto O'Shea tem esse cuidado de explorar esse problema em consonância com sua prática de tradutor: em seu artigo ele sublinha a importância de reproduzir o contraste formal entre a prosa e o verso nas peças de Shakespeare cuja reprodução no texto de chegada é fundamental, buscando princípios de equivalência formal, dedicando também atenção ao jogo tradutório entre literalidade e afastamento da literalidade. Nesse sentido o autor retoma suas próprias traduções decassilábicas e analisa seu material sonoro, bem como discute sua encenabilidade por meio da tradução.

O teatro de Shakespeare e de seus contemporâneos possui uma historicidade própria que se articula com os problemas políticos e dinásticos do período. O artigo de Ricardo Cardoso traz considerações importantes sobre a diplomacia no período elisabetano e no primeiro ano de James I. A partir de um recurso retórico empregado nas obras de Shakespeare, Cardoso explora o duplo posicionamento ou a ambiguidade retratada em duas obras encenadas em momentos delicados do embate entre Inglaterra e Espanha, *Muito Barulho por Nada* e *Otelo*. Assim, o historiador reúne uma pesquisa inovadora —sobre diplomacia e dramaturgia— para um tópico familiar aos leitores de Shakespeare —a ambiguidade—, situando a análise nas condições específicas de produção e de recepção das questões de ordem pública ligadas ao universo do adversário hispânico.

Os veios da historicidade dessas peças, contudo, não se espriam apenas no contexto do período, mas possuem uma história posterior tanto no âmbito da crítica como no âmbito da recepção literária e das adaptações modernas que se fizeram dessas peças. Lawrence Flores Pereira oferece aqui, na esteira de diversas interpretações que se fizeram do fenômeno Ofélia em *Hamlet*, uma leitura que explora e critica as concepções idealizadoras —historicamente profundas— da morte de Ofélia, pontuando a oscilação, na própria peça, entre representar a loucura suicida e representar a negação sentimental de uma morte vazia e desesperadamente

injustificável. O artigo de Michael Dobson, na tradução de Anna Stegh Camati, embora se inscreva aqui nos problemas de adaptação textual, obviamente não poderia deixar de pertencer ao domínio da recepção. Pois, se, ao longo de séculos, os textos de *Hamlet* exclusivamente direcionados a encenações particulares sofreram cortes de natureza diferente, essas diferenças não raro refletiram a qualidade da recepção do período e sua ênfase específica em aspectos diferentes das peças. No entanto, quando tratamos de recepção, tratamos também do impacto de Shakespeare na Modernidade tanto nas adaptações livres para a literatura como para o cinema. Um momento muito específico dessa recepção foi acolhido por esse dossiê no artigo de Elizabeth Ramos que explora o tempo anacrônico de Shakespeare. A persistência canônica do universo shakespeariano ao longo dos últimos séculos constitui um desafio aos próprios escritores. Elizabeth Ramos estuda o caso particular de Luís Fernando Veríssimo que se apossa do teatro de Shakespeare para escrever “leituras bem-humoradas” da comédia. Ela analisa a adaptação de Veríssimo de *Noite de Reis* em um romance ambientado em Paris, no contexto do mundo dos exilados brasileiros durante o período ditatorial.

Um maior acesso à obra de Shakespeare foi uma demanda frequente das últimas décadas de produtores e do teatro em geral. A tecnologia recente e a disponibilidade de uma internet veloz proporcionaram uma forma inovadora de acesso às salas de espetáculo. Pascale Aebischer, que também esteve envolvida com a *Jornada*, nos transporta para o universo técnico de peças transmitidas por *streaming* através das redes invisíveis, para diferentes regiões do mundo, através da tradução de Ana Karina Borges Braun. A pesquisadora detalha os primeiros anos do fenômeno recente de “broadcasting” empregado por grandes e pequenas produções das peças de Shakespeare em sua terra natal, expandindo o alcance de um teatro já altamente especializado. Por fim, agradecemos às agências de fomento, FAPESP, CNPq e CAPES, que possibilitaram algumas das pesquisas aqui veiculadas, à Cambridge University Press e à curadoria da biblioteca da Utrecht University pelas permissões de publicação.

Lawrence F. Pereira
Régis Augustus Bars Closel
John Milton
Lavinia Silveiras

